

PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Mario Jordão Pessoa Ferreira
José Airton Xavier Bezerra
Kaethy Vasconcelos da Silva
Rodrigo Benevides Cerani
Diego Trindade Lopes

RESUMO: Estamos muito além de um tempo onde era proibido a prática do futebol para mulheres assim como outros esportes, mas muitas pessoas ainda veem com olhos preconceituosos a sua prática, um cenário que pode mudar com um apoio maior das entidades responsáveis pela modalidade no Brasil. O presente estudo tem como objetivo identificar se existe preconceito com a modalidade no Brasil, vamos investigar como vem sendo administrado a modalidade e como as jogadoras vem enfrentando essa situação de preconceito. Para o alcance do objetivo, optamos pelo método da revisão narrativada da literatura. Chegando ao fim da construção deste artigo, pode-se concluir que o preconceito no futebol feminino no Brasil ainda é muito predominante e um dos fatores principais que contribuem para que esse preconceito fique alojado é a nossa própria sociedade que criou seu padrão e modo de visão em relação às mulheres.

Palavras chave: Preconceito, Futebol, Feminino.

ABSTRACT: We are far beyond a time where it was forbidden to practice football for women as well as other sports, but many people still see with biased eyes their practice, a scenario that may change with greater support from the entities responsible for the sport in Brazil. The present study aims to identify if there is prejudice with the modality in Brazil, we will investigate how the modality has been administered and how the players are facing this situation of prejudice. To reach the objective, we opted for the method of literature narrative review. Coming to the end of the construction of this article, one can conclude that the prejudice in women's football in Brazil is still very predominant and one of the main factors that contribute to this prejudice is lodged in our own society that created its standard and mode of vision in relation to women.

Key words: bias, football, female.

1. INTRODUÇÃO

O futebol feminino vem ganhando destaque em todo o planeta. O aumento de atletas é bastante significativo no mundo, não sendo diferente no Brasil. Apesar de ter esse aspecto a favor da modalidade, ainda há um descaso bastante preocupante no que diz respeito a investimento em todas as áreas da modalidade em nosso país. Clubes ditos como “grandes” em nosso país por não ter uma certeza do retorno financeiro deixam de investir de forma consistente e continua como no futebol masculino.

No Brasil podemos observar o aumento da prática desta modalidade entre as mulheres bem como o seu aparecimento midiático mais evidente, particularmente após o inédito resultado nas olimpíadas de Atlanta, com o quarto lugar, e, mais recentemente, com o sucesso das atletas em Atenas, conseguindo a medalha de prata (MARTINS, MORAES, 2007).

Apesar do que vem mostrando alguns resultados do futebol feminino, ainda existe uma grande falta de comprometimento com a modalidade por parte da Confederação Brasileira de futebol (CBF), para organizar campeonatos e tentar popularizar mais o esporte. Isso faz com que grandes atletas nossas sigam carreira fora do Brasil, em países que além do investimento na modalidade, há um comprometimento das entidades responsáveis em promover o esporte, como Estados Unidos, que a bastante tempo vem entre as melhores seleções do mundo e um dos campeonatos nacionais mais disputados. A Suíça e outros grandes centros do futebol europeu também vem investido na modalidade. Como exemplo podemos destacar França, Espanha e Suécia.

Além de problemas com investimento da entidade local, há também a falta de comprometimento da mídia em divulgar mais para a população não só os resultados da seleção nacional isso quando se é favorável, mas também em promover os campeonatos

locais, tais como a Copa do Brasil de futebol feminino. Hoje é o principal campeonato de futebol feminino disputado no nosso país.

Esse aspecto midiático não é só exclusividade brasileira, apesar de estar abrindo um leque bastante agradável. A Europa também não tem todo esse apelo midiático como o futebol masculino, como podemos ver a famosa UEFA Champions League, que também é disputada pelas mulheres e não tem tanta divulgação. O principal campeonato do nosso continente, qual a CONMEBOL não promove da mesma forma como a Libertadores da América para o futebol masculino.

Quando focamos a história do futebol feminino no Brasil, identificamos que esta modalidade sempre encontrou grandes dificuldades. Durante o Estado Novo (governo Vargas de 1937 a 1945), as leis criadas, inclusive na área esportiva, estavam inseridas em um contexto de controle, com uma grande pressão para que as mulheres se afastassem do futebol. Elas deveriam limitar-se à prática de esportes que o governo considerava condizentes com suas funções de genitores de prole. O Estado Novo criou o decreto 3.199 que proibia às mulheres a prática de esportes considerados incompatíveis com as condições femininas, sendo o futebol incluso entre outras modalidades esportivas como halterofilismo, beisebol e lutas de qualquer natureza. O período Militar também inviabilizou a prática reconhecida do futebol pelas mulheres, sendo permitido apenas na década de 1980, pelo Conselho Nacional de Desporto (MARTINS, MORAES, 2007, p.3).

Estamos muito além de um tempo onde era proibido a prática do futebol para mulheres assim como outros esportes, mas muitas pessoas ainda veem com olhos preconceituosos a sua prática, um cenário que pode mudar com um apoio maior das entidades responsáveis pela modalidade no Brasil.

Consideramos que o preconceito se manifesta caso a condição compulsória da sexualidade seja desrespeitada, isto é, quando as expectativas pré-concebidas sobre cada gênero são infringidas, desencadeando mecanismos de supressão e proibição que remetem ao anormal (TEIXEIRA, CAMINHA, 2013, p.268).

Não se sabe ao certo quando o futebol feminino no Brasil teve seu início, alguns registros mostram que a primeira partida da modalidade disputada o Brasil foi em 1921 entre as equipes das senhoritas do bairro de Tremembe e as senhoritas de Cantareira na zona norte de São Paulo (OLIVEIRA, 2011).

Pode-se dizer que a rede bandeirantes de televisão deu um impulso bastante significativo ao futebol feminino, com a divulgação da modalidade em seus programas

esportivos sempre que se tinham competições ou até amistosos, também transmitindo jogos em tempo real. (DARIDO, 2012).

O mesmo artigo traz um depoimento interessante de uma ex-atleta da modalidade medalhista olímpica em Atlanta (1996), no qual segundo Darido (2002), “retrata os desejos e a expressão das potencialidades humanas existentes em cada ser humano e que são muitas vezes dificultadas pelos estereótipos de gênero.”

Observamos constantemente uma espécie de discriminação com o futebol feminino, não só pela imprensa ou clubes, mas também por parte da própria CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Podemos ver recentemente a jogadora Marta recebendo o seu sexto prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo, e o que mais se falava por parte da imprensa era se o jogador Modric eleito melhor do mundo merecia tal prêmio, nem mesmo o clube que revelou Marta, sendo ele o Vasco da Gama fez alguma homenagem. E por parte da CBF pouco se fez em relação ao feito histórico.

O presente estudo tem como objetivo identificar se existe preconceito com a modalidade no Brasil.

Como objetivos específicos vamos investigar como vem sendo administrado a modalidade no Brasil e como as jogadoras vem enfrentando essa situação de preconceito.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O Preconceito

O preconceito, usualmente incorporado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto da violência. Ele tem como objetivo a percepção falsa e/ou incompleta da situação que lhe é apresentado, criando uma imagem distorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, constringendo todo aquele que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede, como uma ordem, uma obrigação.

“As questões de gênero e a construção social sobre o que significa ser mulher ou ser homem em nossa sociedade, bem como os padrões vigentes de feminilidade e masculinidade, atravessam todas as nossas relações. E a reprodução de determinados papéis usualmente vinculados aos chamados universos femininos ou masculinos, faz com que por um lado, tenhamos que condicionar nossas vidas as possibilidades e

restrições, que nos chegam junto ao fato de sermos mulheres ou homens. E, por outro lado, aquele ou aquela que não esteja dentro do que se espera de uns ou de outras, sejam constantemente lembrados (as), que não estão cumprindo seu papel a contento. Frases como “lugar de mulher é na cozinha” ou “homem não chora”, continuam sendo repetidas quase que automaticamente, e elas muito nos dizem sobre o que a nossa sociedade espera de mulheres e de homens. Essa separação binária das condições dos indivíduos, em que a mulher cabe tudo o que a sociedade percebe como “feminino” (a casa, por exemplo), e ao homem tudo o que é “masculino” (a rua, por exemplo), abre pouca possibilidade para a ambiguidade, para o que não é e não precisa ser uma coisa nem outra. Daí advém, a discriminação e a violência sofrida por homossexuais, travestis, transgêneros, etc”. (OTT, SIQUEIRA 2010, *apud* SOUZA 2008 p.3).

O preconceito é um juízo de valor criado sem razão objetiva e que se manifesta por meio da intolerância, causando constrangimento e desvalorização do indivíduo que está sendo atingido. Ele pode se sobressair através da violência física, verbal e, na grande maioria das vezes, emocional, podendo envolver a condição financeira, a cor da pele, a vestimenta, a condição física, a opção sexual, a cultura, a religião, a forma de falar e de se expressar na mídia e até mesmo no dia a dia.

A discriminação se origina a partir de opiniões distintas, quando não se há a sensibilidade de se colocar no lugar do outro, ou apenas, respeitar o posicionamento alheio. Esse comportamento pode gerar euforia, desconforto, intriga e ódio, características de uma sociedade desatenta e irracional, uma sociedade que prefere oprimir do que ajudar, sem a menor cautela das consequências que a situação pode se tornar.

Atualmente ainda podemos notar que as dificuldades de antigamente não foram vencidas. Por mais que a mulher mostre interesse na prática, a sociedade ainda julga-a (BRUHNS, 2000). Pesquisas feitas em campos sociológicos podem nos afirmar este fato. Temos como exemplo a nossa própria sociedade que de um modo geral age desta forma: quando uma criança nasce ela é condicionada de certo modo desde cedo de acordo com a configuração de seus órgãos sexuais, a agir de forma que a sociedade já tem como princípio e ter certas preferências. Se for menino ganham carrinhos, armas e bonecos de super-heróis, enquanto meninas ganham bonecas e miniaturas de eletrodomésticos e utensílios domésticos. (DAOLIO, 1997).

Para Teixeira (2013) o preconceito está ligado à necessidade de garantir a reprodução do padrão feminino de "maternidade" e "dona do lar" de maneira a impedir, bloquear ou retardar a quebra da hegemonia econômica capitalista que reconhece a divisão binária entre homem sendo o sexo forte e a mulher, em vista da sociedade sendo considerada como o sexo frágil.

Do espaço privado da casa ao espaço público da convivência social, do trabalho doméstico ao trabalho assalariado, a ampliação dos espaços sociais, conquistados pelas mulheres, se modificou através de resistências e reivindicações no qual lutaram incansavelmente de ir em busca de condições de igualdade em relação ao homem (MARTIN, 2006).

2.2. Futebol

A prática de esportes é uma via reconhecida de inclusão social. No contexto internacional, dentre as práticas esportivas, o futebol exerce grande influência social e econômica (MOSCÁ, SILVA, BASTOS, 2009, p.53).

O futebol é um dos esportes mais praticados e admirados por todo mundo, um fanatismo que ultrapassa anos e barreiras por vários países. Investimentos altos, publicidade, vários fatores levaram o futebol a um nível bastante elevado por todo mundo.

O futebol é um esporte reconhecido em todo o mundo, mas especificamente no Brasil tem uma importância maior do que em outros países. Desde a infância até a vida adulta é o esporte predileto de muitos, fazendo parte da cultura e tradição brasileira. Desde cedo os pais colocam seus filhos para praticar o esporte, inicialmente apenas por diversão, mas atualmente muitas pessoas têm levado a carreira a sério e investido no esporte. Os maiores jogadores de futebol do mundo são brasileiros, desde os mais antigos até os mais atuais, o “brilhantismo” do futebol brasileiro chama a atenção de várias culturas e países. As principais ligas de todo o planeta tem vários jogadores brasileiros em atividade, o que leva a maior parte dos atletas desde a base dos clubes brasileiros sonham em jogar nas “grandes ligas. Com base a tudo que o futebol representa hoje, temos alguns dados:

- trezentos (300) mil empregos diretos;
- trinta (30) milhões de praticantes (formais e não formais);
- quinhentos e oitenta (580) mil participantes em treze (13) mil times que participam de jogos organizados (esporte formal);
- quinhentos e oitenta (580) estádios com capacidade para abrigar mais de cinco e meio (5,5) milhões de torcedores;

- cerca de quinhentos (500) clubes profissionais disputando uma média de noventa (90) partidas por ano;
- em termos de fornecimento anual de materiais e equipamentos esportivos, são cerca de nove (9) milhões de chuteiras para futebol e futsal, seis (6) milhões de bolas e trinta e dois (32) milhões de camisas. (LEONCINI, SILVA, 2003).

Apesar dos avanços tecnológicos que o futebol vem tendo, para um melhor entendimento do jogo, e prática por parte dos telespectadores e atletas, muitas federações ainda estão em atraso ou não querem custear essa melhora.

As Federações são responsáveis por gerir o futebol nos respectivos estados da Federação. A impressão de que o modelo de gestão das Federações está antiquado, não tendo sido alterado em mais de meio século, está institucionalizada no campo (MOSCÁ, SILVA, BASTOS, 2009).

2.3 Futebol Feminino

Quando vemos a história do futebol feminino no Brasil, podemos notar a grande dificuldade que esta modalidade sempre enfrentou, e atualmente não houve grandes mudanças. Durante o Estado Novo (governo Vargas de 1937 a 1945), foram criadas leis, inclusive na área esportiva, estavam inseridas em um contexto de controle, com uma grande pressão para que as mulheres se afastassem do futebol (MARTINS, MORAES, 2007).

DECRETO-LEI nº 3.199, de 14/04/1941 (Governo Federal do Estado Novo) – Getúlio Vargas. Capítulo IX “Art.54 – Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho

Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. (TUBINO, 2002).

Em vários relatos o futebol feminino foi institucionalizado em meados dos anos 80 com vários campeonatos locais e patrocínios diferentes. Mas só nos anos 90 alguns clubes voltariam a procurar atletas para que houvesse algum investimento na modalidade.

Na década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino, assim, como afirmou Kenski (1995), o esporte é um investimento que certamente tem um retorno satisfatório, já que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para

os investidores, sendo que, para a mídia em geral, o esporte é uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro (GOELLNER, 2005).

De acordo com o jornal (Brasil...1996, p.5), em rápido resumo da história do esporte, a explosão do futebol feminino no país ocorreu na década de 80. O time carioca Radar colecionou títulos nacionais e internacionais. Em 1982, conquistou o Women's Cup of Spain, derrotando seleções da Espanha, Portugal e França. A vitória estimulou o nascimento de novos times e, em 1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. No ano seguinte, o Rio de Janeiro organizou o Campeonato Estadual e a primeira seleção nacional conquistou o terceiro lugar no inédito Mundial da China. O ano de 1988 marcou também o início da decadência do Radar e, com ele, do futebol feminino do Brasil (GOELLNER, 2005).

Os representantes foram em buscardas jogadoras para formar uma nova seleção de futebol feminino com objetivo de competir o Mundial na China somente em 1991. Nesse período, o regulamento já tinha sido alterado passando a ser o mesmo do futebol masculino. Com a admissão do esporte nos Jogos Olímpicos, o Brasil novamente correu atrás do prejuízo e conseguiu alcançar o quarto lugar na Olimpíada de Atlanta (DARIDO, 2002).

De maneira geral, o futebol feminino parece ser aceito pela sociedade brasileira, mas ainda não ganhou espaços de reconhecimentos equivalente ao futebol masculino, ou mesmo ao futebol feminino em outros países (TEXEIRA, CAMINHA, 2013, p.266).

Apesar do futebol feminino estar em um constante crescente na Europa e Estados Unidos, no Brasil a realidade se torna bem diferente. Clubes com tradição no esporte pouco investem ou nada investem em estrutura e campeonatos do gênero.

Desde os primórdios do século XX, as mulheres brasileiras têm praticado esta modalidade, porém é claro que essa participação não foi tão significativa quanto a participação dos homens. Isso porque os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impediram, por exemplo, que os clubes pudessem investir em políticas que incluíssem as mulheres nos esportes (GOELLNER, 2005).

A seleção feminina de futebol vem mostrando resultados relevantes e cobrando constantemente um envolvimento maior por parte da CBF, para um maior investimento e criação de campeonatos mais competitivos tais como o masculino.

2.4. Preconceito no Futebol Feminino

Diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não desfruta das mesmas condições de perceptividade e do mesmo reconhecimento social devido a relações de confrontos de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, certamente considerado como masculino (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003).

Nos esportes coletivos ou individuais nas quais os homens sempre foram a maioria há o preconceito de forma bem veemente, no futebol não seria diferente, o preconceito não vem só da arquibancada por parte da torcida, mas também pelas entidades do esporte. Premiações menores, salários menores, menor visibilidade por parte da imprensa, campeonatos com menos apelação midiática.

Todo esse não aparato com a modalidade prejudica o desenvolvimento do esporte a aumentar ainda mais a revolta das atletas.

Apesar do futebol masculino ter sido pentacampeão, no futebol feminino, as brasileiras também têm colhido ótimos resultados em nível internacional estando sempre entre os quatro melhores times do mundo em olimpíadas e mundiais da modalidade, mas permanecem invisíveis para o grande público (KNIJIK, VASCONCELLOS, 2003).

No mundo do futebol brasileiro encontra-se grandes nomes como Cristiane, Formiga (PSG) e Marta (Rosengard) essa que pela sexta vez ganhou o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo. Marta com 32 anos já ganhou uma olimpíada e dois ouros em pan-americanos, porém, mesmo com essas grandes conquistas, ainda não é o suficiente para mudar essa questão do espaço da mulher no futebol.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Para o alcance do objetivo, optamos pelo método da revisão narrativa da literatura, que para Souza, Silva e Carvalho (2010) é um estudo com coleta de dados realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico e baseado na experiência vivenciada pelos autores.

Com base na abordagem do problema, objetivos do estudo e procedimentos técnicos, este trabalho científico é classificado como revisão integrativa. Esta pesquisa foi caracterizada um estudo narrativa.

3.2 Levantamentos de dados

Foi realizada pesquisa eletrônica nas bases de dados BVS(Biblioteca Virtual em Saúde) e Google Acadêmico que estivessem livres para download e na língua portuguesa.

3.3 Procedimentos para análise do material

Utilizando-se os descritores: preconceito, futebol e gênero. Com essa estratégia, houve uma recuperação de um número maior de referências, garantindo a detecção da maioria dos trabalhos publicados dentro dos critérios pré-estabelecidos.

Para seleção do material, as análises foram feitas em três etapas. A primeira foi caracterizada pela pesquisa do material que abrangeu os meses de agosto/2018 a novembro de 2018.A segunda compreendeu a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos, visando uma maior aproximação e conhecimento, sendo excluídos os que não tivessem relação e relevância com o tema. Foram selecionados e incluídos na pesquisa estudos onde retratassem dados referentes ao preconceito no futebol feminino do Brasil.

E como critério de exclusão, foram eliminados estudos no qual não obtivessem informações fundamentadas na qual esta pesquisa visa revisar.

A questão norteadora para elaboração da presente revisão integrativa consistiu em: **questão norteadora:**Existe preconceito no futebol feminino do Brasil?

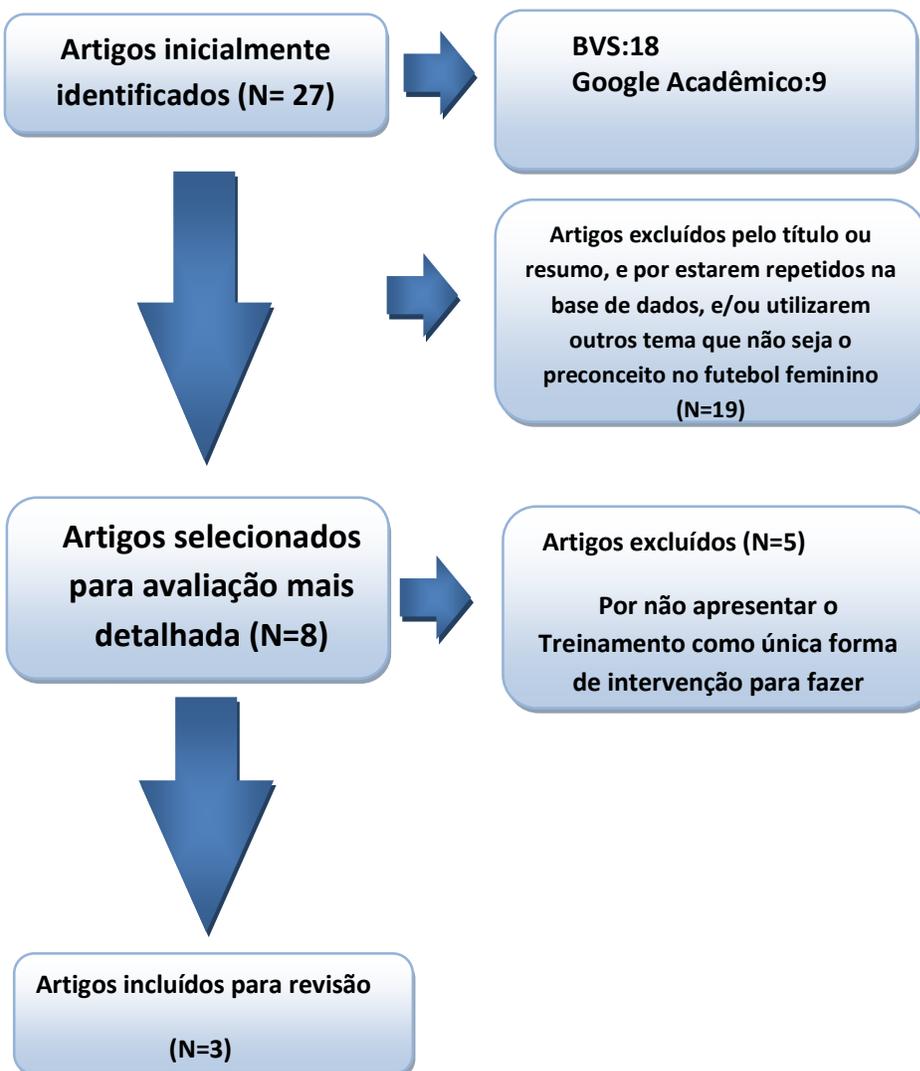
3.4 Interpretações dos resultados

Os resultados da avaliação realizada serão comparados com o conhecimento teórico já consagrado, bem como será feita a identificação de conclusões e implicações resultantes da revisão narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1: Fluxograma dos artigos selecionados

A tabela 1 apresenta as publicações selecionadas para esta revisão, identificando os autores, ano de



publicação, objetivos e características da amostra.

Tabela 1: Características dos estudos selecionados nesta revisão.

Autor	Ano	Objetivos	Amostra
SALVINI E MARCHI JÚNIOR	2016	Descrever e analisar relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol no Brasil.	Quatro jogadoras de futebol feminino amador da cidade de Curitiba/PR.
PISANI	2014	Analisar como jogadoras de futebol das periferias de São Paulo vivenciam e ressignificam a prática do futebol em suas vidas, a partir de uma perspectiva feminista de empoderamento.	A amostra contou com a participação de jogadoras de futebol das periferias de São Paulo.
FURLAN e DOS SANTOS	2008	Observar jogadoras de futebol e suas auto-reapresentações, como elas vêm a participação das mulheres no futebol e se as escolas incentivam a prática dessa atividade, verificando questões de gênero.	Foram realizadas entrevistas com acadêmicas de educação física e atletas.

Salvini e Marchi Júnior(2016) desenvolveram seu artigo com o objetivo de descrever e analisar relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentadas por quatro jogadoras de futebol feminino da cidade de Curitiba/PB no Brasil. Os autores puderam perceber que as experiências apresentadas pelas entrevistadas relatam que por mais que exista preconceito ele não é e não foi suficiente para que abandonassem a prática.

Ao descreverem os relatos das jogadoras acerca das dificuldades e motivações enfrentadas para permanecer no espaço do futebol, evidenciaram que o preconceito - seja de gênero ou pela falta de incentivo - é recorrente no discurso das entrevistadas, assim como, o

adjetivo “*guerreiras*” aparece no final deste escrito como sendo uma característica nata das mulheres que buscam a prática do futebol e depositam nele seu ensejo profissional.

Destacaram com esse escrito, que mesmo com todas as adversidades apresentadas anteriormente, outro aspecto do futebol, ou melhor, das mulheres futebolistas foi unanimemente destacado entre as entrevistadas foram as atribuições de guerra, de combate. Pois, para enfrentar as disputas existentes no espaço do futebol brasileiro, é prerrogativa que as mulheres futebolistas tenham além de talento, resiliência.

Os autores Pisani (2014), Furlan e Dos Santos (2008) foram mais objetivos, Pisani (2014) para realizar sua pesquisa, foi em busca de jogadoras de futebol feminino nas periferias de São Paulo, a autora pôde deduzir no decorrer do seu artigo que o futebol permite que essas jovens saiam de situações de risco e vulnerabilidade como as drogas, a violência doméstica e até mesmo uma gravidez indesejada. É a partir dessa prática esportiva que outras perspectivas se anunciam na vida delas: ganham autonomia; recuperam a autoestima; ampliam as redes de contato, proteção e afetividade. Acredita que, estruturalmente, o futebol feminino ainda tem muito que investir e crescer – novas ligas, mais escolinhas de treinamento, mais campos destinados a elas, salários melhores, assegurar os direitos trabalhistas dessas mulheres –, mas é inegável que o futebol é um espaço de transformação e empoderamento das mulheres negras, pobres e de periferia.

Furlan e Dos Santos (2008) tiveram como objetivo observar jogadoras de futebol e suas auto-reapresentações, como elas vêm a participação das mulheres no futebol e se as escolas incentivam a prática dessa atividade, verificando questões de gênero. Concluíram que é evidente que a participação das mulheres ainda é significativamente menor que a dos homens no mundo esportivo e de visibilidade midiática, inclusive pela falta de investimentos e de políticas de inclusão das mulheres no esporte. Cabe aos professores de educação física e à escola atuarem para a mudança nas formas de abordar certos temas, como os de gênero, tão polêmicos e confusos para muitos profissionais, buscando na sua intervenção maneiras de minimizar as práticas excludentes, possibilitando a equidade desejada entre os gêneros. Nesse sentido, torna-se imperativa a mudança nas práticas educativas dentro das escolas, para que possam propor o fim do sexismo. Finalizam dizendo que ainda há muito a ser feito, e propõe-se nesse trabalho que as práticas sejam ressignificadas, e que seu início se dê nas instituições de ensino e nas políticas públicas de incentivo, pois se em um universo onde há a formação do cidadão as práticas permanecem excludentes, não haverá maneiras de modificação da sociedade na qual estamos inseridos. Espera-se que pensemos sobre nossas atitudes como

educadores, e que reflitamos, buscando ao longo de toda a formação maneiras de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, incluindo nele discussões que possam reduzir/minimizar, concorrendo para resolver, os problemas oriundos do sexismo dentro das escolas, que são instituições de grande importância social.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim da construção deste artigo, posso concluir que o preconceito no futebol feminino no Brasil ainda é muito predominante e um dos fatores principais que contribuem para que esse preconceito fique alojado é a nossa própria sociedade que criou seu padrão e modo de visão em relação às mulheres. Esse paradigma faz com que possamos acreditar que as mulheres foram criadas somente para realizar as tarefas domésticas e criarem seus filhos. A mídia e os meios de comunicação também dificultam a vida profissional das jogadoras no esporte, por falta de interesse na divulgação dos seus trabalhos. Os aspectos sócio-culturais que apóiam estas formas de preconceito é a mitologia do sexo frágil, e as ideais de incapacidade e insuficiência atlética feminina.

Esses aspectos criaram uma barreira para que os grandes investidores não pudessem se interessar em patrociná-las, porém as jogadoras não desistiram de mostrar a sua capacidade e talento e aos poucos vem ganhando o seu espaço no esporte. Temos o exemplo da jogadora Marta Vieira da Silva, que foi eleita pela FIFA, cinco vezes consecutivas a melhor jogadora de futebol do mundo, entre os anos de 2006 e 2010 e atualmente no ano 2018 foi reeleita. Foi Bola de Ouro em 2004 e em 2007 foi Bola de Ouro e Chuteira de Ouro. Muitas jogadoras se espelham nela para continuarem em busca dos seus sonhos.

REFERÊNCIAS

DARIDO, Suraya Cristina, **Futebol feminino no Brasil: Do seu início a sua prática pedagógica:** artigos em periódicos, *revista motriz*, v. 8, n°2, p. 1-7, 2002.

FURLAN, Cássia Cristina; DOS SANTOS, Patrícia Lessa, Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade, **revista motrivivência ano XX, nº30, p. 28-43**, jun/2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre, **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**, 2013.

LEONCINE, Marvio Pereira; SILVA, Marcia terra da, **Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório**, 2003.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura, **revista pensar a prática**, v.10, n.1, 2007.

MOREL, Marcia; SALES, José Geraldo do C., **futebol feminino (Women's football – soccer)**, atlas do esporte no Brasil, 2006.

MOSCA, Hugo Motta Bacélio; SILVA, José Roberto Gomes da; BASTOS, Sérgio Augusto Pereira; **Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: o caso dos clubes de futebol no brasil**, 2011.

OLIVEIRA, Sergio, **futebol feminino no Brasil- História**, encontrado em: <https://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia>, 2011 atualizado em 2018.

PISANI, Mariane da Silva, Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo, **revista do núcleo de antropologia urbana da USP: ponto urbe**, p. 1-10, 2014.

RAMALHO OTT, Ayrton Aruana; SIQUEIRA, Leana Gioia, **Cidadania através do esporte para crianças: grupo de estudos esporte lazer e sociedade**, p. 03.

Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/300092792/4-1-5>

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley, “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro, **revista brasileira de educação física e esporte, São Paulo, v.30, nº.2**, abril/junho 2016.

TEIXEIRA, Fabio Luiz Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira, Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, **revista movimento, porto alegre, v. 19, nº 01, p. 265 – 287, jan/mar 2013.**